

Sai do forno, exhibe-se pela web, transforma-se em gestos, imagens e sons nosso segundo número da *gis*. Apostamos desde sempre no emaranhado de disciplinas, em temas e recursos metodológicos ainda pouco trabalhados, expostos em linguagens que se pode explorar com liberdade, como a seção **ARTIGOS** bem o demonstra. São 8 artigos que, apesar de terem como foco universos muito distintos, tem em comum o fato de que muitos deles foram escritos em parceria, alguns numa autoria compartilhada em que a fala do pesquisador acadêmico não é a única a emitir enunciados. São também artigos transdisciplinares, que abordam o foco argumentativo adentrando diferentes áreas do conhecimento. É isso que permite, em muitos desses artigos, tentar entender os enigmas típicos de nosso mundo contemporâneo, no qual fronteiras conhecidas estão hoje borradas.

Nosso segundo número começa por esse protagonista tão presente em nossas vidas hoje em dia: o Google, incorporado à etnografia sobre usuários de crack em territorialidades itinerantes pelas ruas de São Paulo, que conhecemos como Cracolândia. Procurando uma integração entre textos etnográficos, mapas e imagens, a pesquisa que resultou nesse artigo de Heitor Frúgoli Jr e Bianca Barbosa Chizzolini foi conduzida por uma equipe que integrava os campos da antropologia, arquitetura, urbanismo, história e geografia.

Dois grandes fotógrafos, o português José Augusto da Cunha Moraes e o moçambicano Ricardo Rangel, permitem a Bruna Triana comparar noções de “real”, “verdade” e “autenticidade” na imagem fotográfica durante o período colonial e em dois gêneros: o olhar etnográfico e o documental.

Nesse novo número da *gis* os Huni Kuin, situados no Acre, Amazônia Oriental, estão presentes em dois artigos. No primeiro deles cantos da ayahuasca, um filme *O sonho do nixi pae* e os desenhos elaborados como tradução visual dos cantos, são atividades intersemióticas que se multiplicam no MAHKU – coletivo de artistas e pesquisadores da nova geração Huni Kuin, que evidenciam não haver aqui sujeitos enquanto autores (Foucault) mas agenciamentos coletivos de enunciação que constituem uma arte visual. No artigo igualmente se misturam a fala do pesquisador acadêmico, Amilton Matos, e a do artista indígena, Ibã Huni Kuin.

No artigo seguinte, de Guilherme Menezes, a proposta é discutir a experiência de elaboração do videogame “*Huni Kuin: Yube Baitana*” por antropólogos, programadores, artistas e indígenas Huni Kuin. Desenvolver um videogame implica elaborar roteiros, entender formas de circulação de saberes, fazer pactos etnográficos, e defrontar-se com questões tão distintas quanto direitos autorais, tecnologia e fontes alternativas de energia.

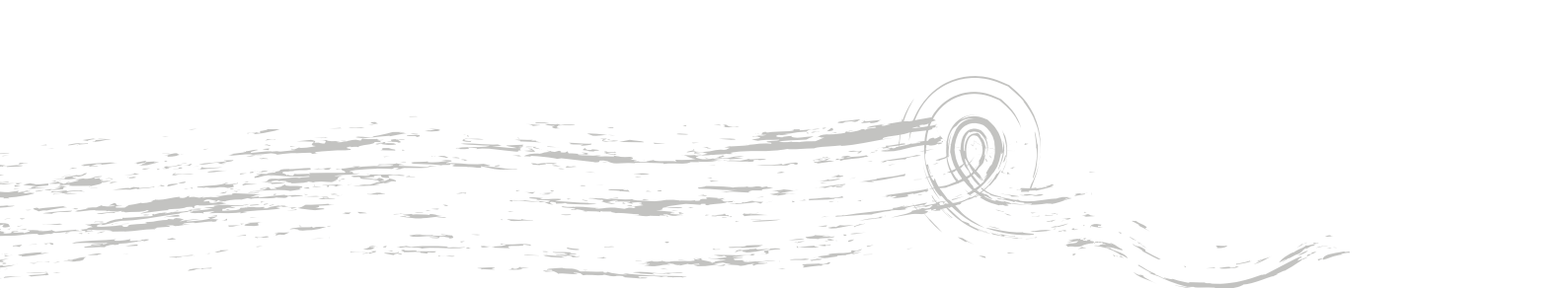
As relações entre música e subjetividade, as contribuições da etnomusicologia e as dimensões terapêuticas da música são analisadas por Daniel Camparo Avila, tendo como foco crianças com autismo. Que efeitos a música produz e que tipos de intervenção podem ser efetivos? Essas são as questões discutidas nesse artigo, a partir de sessões de oficina de música, gravadas em um núcleo de educação terapêutica.

Nos dois artigos seguintes o foco é o cinema. A partir de uma análise etnográfica do filme de ficção científica *Gattaca*, dirigido por Andrew Niccol, Halina Rauber-Baio e Martina Ahlert discutem as perspectivas sobre o corpo na Antropologia contemporânea. Mobilizando referências como Haraway e Le Breton, as autoras adentram *Gattaca* pela perspectiva do ciborgue, num mundo em que se dissolvem as dicotomias natureza/cultura, mente/corpo, organismo/máquina, e humano/animal nos domínios da informatização.

As representações sobre o rural nordestino brasileiro são analisadas por Maria Inês Almeida Godinho a partir do filme *Viajo porque preciso, volto porque te amo*, de Karin Aïnouz e Marcelo Gomes. A análise se concentra em elementos típicos da linguagem cinematográfica como enquadramento, iluminação, música e efeitos sonoros e movimentos de câmera. Estaria o sertão dentro da gente ou será irreversível o processo de urbanização e o fim da vida rural?

Nossa seção **ARTIGOS** termina com a análise de Eveline Araújo e Paulo Gallo sobre a produção fílmica de jovens da periferia de São Paulo e a possibilidade que a análise demonstra para adentrar características comportamentais e sociais dessa população, extremamente diversificada. O artigo também discute estratégias para a Saúde Pública e perspectivas de empoderamento desse segmento social. Os autores propõem um sistema de escuta social, para viabilizar projetos que permitam às comunidades buscar soluções para suas questões a partir de seus próprios recursos, mediados por pesquisas desenvolvidas em seus territórios.

Na seção **T.E.R.** (traduções, entrevistas e resenhas) temos uma tradução de um provocador artigo de Christopher Pinney, sobre como modelos outros de percepção e construção da imagem fotográfica foram sendo



criados e praticados em lugares como a Índia e o Mali; uma entrevista do antropólogo romeno Mihai Andrei Leaha com um dos maiores nomes da antropologia visual, David MacDougall; e uma reflexão de Laugrand, Luce e Melanson sobre uma série de entrevistas videografadas, com os autores que publicaram na *Anthropologies et Sociétés*, uma revista de antropologia canadense. Terminamos a seção com duas resenhas de livros publicados recentemente.

A seção **GIS** traz seis ensaios fotográficos com temas muito diversos e estimulantes visualmente. Imagens perdidas de viagens pela África, principalmente Egito; imagens captadas entre os Pankararu em Pernambuco datadas de 1937; o registro de gestos e movimentos corporais que compõem práticas performativas de deficientes visuais; o centro de São Paulo e as ocupações em percursos visuais anotados por um olhar estrangeiro; o corpo da própria fotógrafa como campo visual em que veias desenham a cartografia corporal e, finalmente, imagens de um matadouro, com toda a plástica que a prática aí realizada encerra. Dois trabalhos envolvem a apresentação de performances artísticas. Os impactos produzidos pelo primeiro trabalho surgem do confronto de rituais australianos e rituais de umbanda, apresentados por uma artista performer, filósofa e terapeuta esquizoanalista, numa dança performática realizada e filmada numa sessão de Exu. No segundo trabalho os autores se detêm em dois artistas congolezes, um performer e um músico, na tentativa de entender a experiência desses migrantes na cidade de São Paulo, onde tudo tem que ser negociado.

Criamos uma nova seção para a **gis**: **ACHADOS NA REDE**, em que pretendemos divulgar dentre as inúmeras coisas que pipocam nessa grande rede que é a internet, aqueles “peixes” que estão em sintonia com os objetivos da revista. Iniciamos essa seção com o projeto artístico *O antropólogo-travesti*, de Stéphane Malysse, que retoma a famosa frase de Rimbaud e, por meio da fotografia e da etnografia, permite-se tornar-se outro e permanecer ele mesmo.

Andréa Barbosa, Edgar Teodoro da Cunha, Erica Giesbrecht,
Francirosoy Campos Barbosa, John Cowart Dawsey,
Paula Morgado Dias Lopes, Rose Satiko Gitirana Hikiji,
Sylvia Caiuby Novaes, Vitor Grunvald